

## A 2 Política

GAZETA DE ALAGOAS, 26 de maio de 2015, Terça-feira

RICARDO LÉGO - ARQUIVO DA



SAÚDE. Presidente do Cremal, Fernando Pedrosa condena inchaço de cadeiras nas faculdades

## “Excesso de vagas para curso de Medicina é preocupante”

FÁTIMA ALMEIDA  
REPÓRTER

A Universidade Federal de Alagoas (Ufal) anunciou, na semana passada, a autorização do Ministério da Educação para abertura de 80 novas vagas no curso de Medicina, a serem preenchidas no campus de Arapiraca. A portaria 370/2015 está valendo, já para o próximo semestre, e vem sendo comemorada pela comunidade acadêmica como um grande avanço no processo de interiorização do ensino de público de nível superior.

Inicialmente, o processo de expansão do curso de Medicina vai trabalhar com a oferta de 60 vagas, sendo 30 a partir do próximo mês de agosto e 30 no primeiro semestre letivo de 2016. Só a partir de 2017, já contando com estruturas físicas e de pessoal concluídas, o curso passará a oferecer as 80 vagas por ano, sendo 40 por semestre. Porém, se por um lado a expansão é vista como conquista e oportunidade a estudantes do interior, que passam a ter mais possibilidades de acesso ao curso de Medicina, sem ter que se afastar de casa e da família, por outro, esse inflacionamento da formação profissional preocupa. Para o presidente do Conselho Regional de Medicina de Alagoas (Cremal), Fernando Pedrosa, a abertura de 80 novas vagas para Medicina em Alagoas pode contribuir para o aviltamento do mercado.

Mais do que isso, ele demonstra preocupação com a estrutura de formação dos futuros profissionais e com a capacidade de absorção do mercado. Médico da rede pública, formado há 33 anos, especialista em infectologia, com doutorado em Medicina Tropical e professor de Parasitologia do curso de Medicina da Ufal, Pedrosa considera uma estupidez pensar que a solução para os problemas da saúde no Brasil esteja apenas na quantidade de médicos formados, e não na qualidade dessa formação e dos serviços oferecidos.

E ele faz um alerta: hoje, 130 profissionais são lançados todos os anos no mercado de trabalho, egressos da Ufal (Maceió) e Uncisal. Com a implantação dos novos cursos – Cesmact, Units e Ufal Arapiraca –, em seis anos esse número será elevado para quase 600 profissionais ao ano.

**Gazeta - Como o Conselho Regional de Medicina avalia a abertura de 80 novas vagas para a formação de médicos em Arapiraca?**

**Fernando Pedrosa -** Com muita preocupação. É uma situação absolutamente desnecessária, tendo em vista a quantidade de escolas médicas que já temos. Reconhecemos que existe carência. Formamos, hoje, cerca de 130 médicos ao ano, com as duas escolas – 80 da Ufal e 50 da Uncisal. Com os cursos do Cesmact e Unit já iniciados, cada um com 200 alunos/ano, teremos, daqui a 5, 6 anos, uma elevação para mais de 500 profissionais formados por ano, em Alagoas. Em Arapiraca, anunciaram que serão mais 60 vagas, inicialmente, mas logo serão 80. É muito acima do que temos hoje. E não fica por aí. O governo federal já lançou edital para abrir um curso de Medicina, também, em São Miguel dos Campos. Para onde vamos com isso? Vamos ter uma quantidade muito grande de pessoas formadas em Medicina, sem condições de exercer, sem mercado. Ou então, a profissão vai ser desvalorizada. Hoje, no futuro, passeatas de médicos pelas ruas, em busca de um lugar para trabalhar. Lógico que sempre vai existir lugar para os mais capacitados; os que poderão adquirir e bancar conhecimento em medicina de ponta, de alta tecnologia, para ganhar dinheiro. Para esses, sempre vai existir mercado. Mas fora disso, have-

rá rebaixamento da profissão médica. Vamos isso com preocupação, porque estamos inundando o mercado de trabalho, de maneira irresponsável, com a criação abundante de escolas médicas.

**Isso não é bom, para melhorar a assistência à saúde?**

Admitimos que temos carência de médicos e problemas sérios na saúde, mas estes não estão relacionados ao número de formandos, e sim, à falta de condições de trabalho para o médico em Alagoas. Os jovens que estão se formando, mesmo nas escolas públicas que já existem, estão indo embora para fazer residência em outros centros e grande parte não está retornando porque não temos um mercado de trabalho muito salutar. A dinâmica da distribuição de médicos está relacionada com a oportunidade de trabalho, e essa não é uma questão só de Alagoas. A estupidez é do Brasil todo. Estamos formando cerca de 19 mil médicos no País, temos potencial para 22 mil e o governo federal quer formar 30 mil médicos ao ano. O Brasil só perde, em número de escolas médicas, para a Índia. Temos mais escolas do que os Estados Unidos, que tem o dobro da população brasileira, e mais do que a China, que tem seis vezes mais a nossa população.

**Quantas escolas temos no Brasil?**

248. Se fosse pela quantidade de escolas, o Brasil poderia estar na ponta, na prestação de serviços de saúde, em relação ao resto do mundo. Mas a realidade mostra que é um engodo político-ideológico do governo federal dizer que a saúde não vai bem porque não tem médicos. Isso só está contribuindo para enriquecer os empresários da educação, que estão ganhando muito dinheiro com a criação de escolas médicas. Basta comparar a mensalidade de uma escola de Direito que custa, em média, R\$ 800 em Alagoas, com a de Medicina, que custa R\$ 6 mil, nas duas escolas privadas. E não são as mais caras do Brasil. Há escolas que chegam a cobrar mensalidade de R\$ 11 mil.

**Qual é o problema com a criação de escolas públicas, como a de Arapiraca?**

Nossa preocupação é a qualidade do ensino nessas escolas. Entendemos que a Ufal oferece um bom curso de medicina em Maceió, mas temos dúvidas quanto a um curso médico em Arapiraca, onde não se dispõe de um hospital escola. O único hospital público que temos por lá é uma unidade de trauma. Vamos fazer uma escola de Medicina só para formar traumatologista? Precisamos de médicos generalistas, que atuem em todas as áreas. A Unidade de Emergência do Agreste não atende internação clínica, não tem especialidades, nem obstetrícia, nem maternidade. Nossa preocupação é: como serão formados esses profissionais? Qual a estrutura instalada? Vão aprender o que nessas estruturas precárias? Temos que nos perguntar, também, se existe professor para formar tanta gente. Que qualidade de formandos vamos ter? Que qualidade de profissionais estaremos lançando no mercado?

**Esse problema de estrutura não seria um momento futuro, quando o curso entra na fase prática?**

Isso começa no primeiro ano e vai se agravando. Nesse curso que se abre em Arapiraca, veremos, quando chegar ao terceiro ano, se não houver a disponibilidade de prática clínica, a grita desses estudantes para virem para Maceió, onde a Ufal tem um curso com estrutura montada. E mesmo que se considere a possibilidade de serem escolas boas, é muita gente para entrar no mercado de trabalho. E boa parte está, ho-

je, em escolas particulares de Medicina. Fico pensando nos jovens, cuja família está investindo cerca de R\$ 6 mil por mês numa escola particular de Medicina, para formar um filho, que vai arrumar um emprego de R\$ 2 mil. Qual é a expectativa desse jovem? Porque a expectativa de mercado é de rebaixamento; de desvalorização profissional. Você pode dizer: mas as faculdades de Direito formam muito mais gente. É verdade, mas tem o exame da OAB que já reprova 70%. E o advogado tem um campo bem diversificado que lhe dá uma oferta muito ampla de atuação. Ele pode ser uma porção de coisas na sua área. O médico só pode ser médico.

**Não seria incoerência falar em excesso de médicos diante das carências crônicas no atendimento à saúde da população?**

Isso demonstra que não é só o médico que vai fazer a saúde melhorar. Ele é extremamente importante nesse processo, mas é necessário outros requisitos e outros profissionais. É preciso, principalmente, condições de trabalho e de atendimento. Não dá para fazer saúde só com a conversa. Geralmente, nos ambulatórios de serviço, nos postos de saúde, nas unidades de Saúde da Família não se oferecem salários dignos, nem condições de trabalho. Como o médico vai sair para trabalhar numa unidade de saúde, em condições insalubres, ganhando pouco e, além do mais, sem insumos? Não tem material, não tem medicamentos, não tem quase nada para se fazer saúde. Falta, realmente, a colocação do médico no mercado de trabalho, mas, pior do que isso, é a falta de insumos e de condições para o médico trabalhar.

**Essa é a razão do esvaziamento nas estruturas de saúde pública?**

Sim. Anos atrás, a maior parte do empregador era o serviço público. Hoje, a maioria dos médicos está trabalhando para o setor privado, que só atende 50 milhões de pessoas, enquanto o setor público é para dar assistência a 150 milhões de brasileiros. Investindo o que o Brasil investe em saúde – que é muito pouco – nós não vamos ter esse perfil (que se pretende com o SUS). O Brasil investe muito menos do que qualquer país que tem sistema universal de saúde. Na época que me formei em medicina, há 33 anos, não havia o SUS, mas todos sonhávamos em entrar para o serviço público e que tivesse um sistema universal que desse condições ao médico de trabalhar, ter um bom salário e prestar um bom serviço à população, como acontece em muitos países. Hoje, como professor em uma escola de Medicina, quando pergunto em sala de aula, quem está ali para trabalhar no SUS, ninguém quer. Todos pensam em fazer uma especialidade e trabalhar para o setor privado, que remunera melhor. Não tem mais nenhum idealista que pense em fazer medicina para fazer saúde pública como eu fiz e faço até hoje. Os jovens que estão se formando estão partindo para uma especialidade que lhe dê realização profes-

sional e financeira. Hoje, 41% dos médicos têm como atividade principal a saúde pública; 59% estão, prioritariamente, no setor privado. Há 20 ou 30 anos, era o inverso. Hoje, os jovens que estão nos bancos da universidade abominam o serviço público. Alguns até vão provisoriamente, enquanto não conseguem uma residência, enquanto esperam uma oportunidade no setor privado.

**O que mais desestimula no setor público: os salários ou as condições de trabalho?**

São três coisas em ordem decrescente: falta de condições de trabalho; falta de carreira para o médico do SUS; e remuneração baixa – essa é menos importante. Até entendo que hoje o médico é o recém-formado mais bem pago. O problema está no futuro. Ainda mais com essa enxurrada de faculdades de Medicina e formandos.

**Ainda assim, o sonho de toda família é formar um médico. O que é que mais atrai, ainda é o salário?**

Existe o status, o glamour social de ter um médico na família; existe o clamor imediato – um jovem médico que sai da universidade e se inscreve no Provac (Programa de Valorização do Profissional da Atenção Básica, instituído pelo governo em 2011) vai ganhar um salário de R\$ 10 mil – embora seja um vínculo com prazo determinado de 12 meses. Isto não existe em nenhuma outra profissão; mas existe também o caráter humanístico da profissão. Quem faz Medicina deve ter consigo o espírito de cuidar, e só será bom médico se tiver capacidade de servir, em qualquer circunstância, atender bem, tratar o paciente como ser humano que merece toda a sua atenção e o melhor da sua capacidade profissional. Não adianta ser tecnicamente capaz e não atender aos aspectos humanísticos da profissão. Tratar mal é tão ruim quanto uma conduta errada no tratamento ou no diagnóstico.

**Quantos médicos temos em Alagoas?**

4.200, em atividade.

**Quais as especialidades mais procuradas pelos profissionais?**

As que trabalham com medicina de ponta. Dermatologia e a cirurgia plástica chegam a registrar concorrência de 20 por 1 vaga, na oferta de residência médica, pelas demandas por estética; a medicina de imagem (radiologia, ultrassonografia etc.), pelo crescimento de diagnósticos por imagem, que paga bem; e a neurocirurgia, onde há uma carência muito grande, sobretudo devido ao crescimento do número de acidentes; e a oftalmologia também estão entre as especializações mais procuradas.

**Quais as que estão em baixa?**

Pediatria e obstetrícia – têm sobrado vagas na oferta de residência médica, e isso já reflete, hoje, na necessidade de profissionais; a clínica geral, a saúde da família e a infectologia também são áreas que despertam cada vez menos interesse de especialização. ●

**FERNANDO PEDROSA**  
PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DE ALAGOAS  
“Fico pensando nos jovens, cuja família está investindo cerca de R\$ 6 mil por mês numa escola particular de Medicina, para formar um filho, que vai arrumar um emprego de R\$ 2 mil. Qual é a expectativa desse jovem? Porque a expectativa de mercado é de rebaixamento; de desvalorização profissional”